ReGeo ISSN: 2177-3246

O COSTUME DE ENFEITAR A CRUZ NA CIDADE DE PIEDADE DE CARATINGA - MG: UM EXEMPLO DE RELIGIOSIDADE POPULAR

THE CUSTOM OF ADORNING THE CROSS IN THE CITY OF PIEDADE DE CARATINGA, MG: AN EXAMPLE OF POPULAR RELIGIOSITY

LA COSTUMBRE DE DECORAR LA CRUZ EN LA CIUDAD DE PIEDADE DE CARATINGA - MG: UN EJEMPLO DE RELIGIOSIDAD POPULAR

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-050

Data de submissão: 06/07/2026 **Data de publicação:** 06/08/2026

Sebastião Ricardo Machado Meireles
Mestre em Geografia
Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)
E-mail: prof.sebastiaoricardo@gmail.com
Orcid: 0000-0002-1936-7537

RESUMO
Este artigo analisa a tradição de ornamentar a cruz, costume realizado anualmente na véspera de 3 de maio, data em que tradicionalmente se celebrava a Invenção da Santa Cruz, no município de Piedade de Caratinga, Minas Gerais. Essa prática possui raízes na religiosidade popular formada durante o período colonial mineiro, quando a escassez de clérigos favoreceu a incorporação de manifestações devocionais conduzidas pelos próprios fiéis, contribuindo para a consolidação do catolicismo popular. Por meio da história oral, a pesquisa buscou compreender como esse costume se estabeleceu e foi transmitido entre gerações no município, bem como identificar os fatores que têm dificultado sua continuidade. Para tanto, foram entrevistados 21 moradores que ainda preservam essa tradição. Ao final, são apresentadas reflexões e possibilidades voltadas ao fortalecimento e à preservação dessa manifestação da religiosidade popular e do patrimônio cultural imaterial.

Palavras-chave: Religiosidade Popular. Cruz. História Oral.

ABSTRACT
This article analyzes the tradition of decorating the cross, a custom observed annually on the eve of May 3, the date traditionally dedicated to the Feast of the Finding of the Holy Cross, in the municipality of Piedade de Caratinga, Minas Gerais, Brazil. This practice has its roots in the popular religiosity that developed during the colonial period in Minas Gerais, when the scarcity of clergy encouraged the incorporation of devotional practices led by the faithful themselves, contributing to the consolidation of popular Catholicism. Using oral history as its methodological approach, this study sought to understand how this custom became established and was transmitted across generations in the municipality, as well as to identify the factors that have hindered its continuity. To this end, 21 residents who still preserve this tradition were interviewed. Finally, the article presents reflections and proposals aimed at strengthening and preserving this expression of popular religiosity and intangible cultural heritage.

Keywords: Popular Religiosity. Cross. Oral History.

RESUMEN
Este artículo analiza la tradición de decorar la cruz, una costumbre que se practica anualmente en la víspera del 3 de mayo, fecha tradicionalmente celebrada como la Invención de la Santa Cruz, en el

municipio de Piedade de Caratinga, Minas Gerais. Esta práctica tiene sus raíces en la religiosidad popular formada durante el período colonial en Minas Gerais, cuando la escasez de clero favoreció la incorporación de manifestaciones devocionales realizadas por los propios fieles, contribuyendo a la consolidación del catolicismo popular. Mediante la historia oral, la investigación buscó comprender cómo se estableció y transmitió esta costumbre entre generaciones en el municipio, así como identificar los factores que han obstaculizado su continuidad. Para ello, se entrevistó a 21 residentes que aún conservan esta tradición. Finalmente, se presentan reflexiones y posibilidades dirigidas a fortalecer y preservar esta manifestación de religiosidad popular y patrimonio cultural inmaterial.

Palabras clave: Religiosidad Popular. Cruz. Historia Oral.

1 INTRODUÇÃO

A religiosidade em Minas Gerais tem suas origens no período colonial, quando, na procura do ouro, acontece um grande surto populacional na região. Entre os séculos XVII e XVIII, portugueses, africanos e indígenas formam o quadro populacional da província mineira, o que colaborou com uma diversidade étnica e cultural que refletiu na religião metropolitana praticada na colônia, o catolicismo.

Todavia, não é de se estranhar que com tamanha diversidade o catolicismo desenvolvesse características próprias da população que se formava, embasadas numa religiosidade permeada de tradições e ritos do catolicismo medieval português e do sincretismo exercido pelos escravizados. Essa mistura fez com que aflorasse, nas Minas, um catolicismo com práticas tradicionais, ao mesmo tempo, manifestadas por um catolicismo popular que se perpetua na contemporaneidade, mesmo com menor frequência, como veremos nesse trabalho. Ou seja, a cultura católica é preservada, mas sofre alterações de acordo com o contexto social, como observa Arantes:

> É possível preservar objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos (ARANTES, 1990, p. 22).

A proposta deste artigo é demonstrar que um costume de origem colonial, preservado em Piedade de Caratinga, no interior de Minas Gerais, encontra-se atualmente em processo de desaparecimento em decorrência das transformações socioculturais ocorridas nas últimas décadas. Trata-se da tradição de ornamentar a cruz com papéis coloridos no dia 3 de maio, data dedicada à celebração de Santa Cruz.

A presença da cruz integra o cotidiano do católico mineiro desde os primórdios da colonização. A religiosidade popular desenvolvida nas Minas elevou a devoção aos símbolos cristãos, especialmente à cruz. Essa devoção, em razão da escassez de sacerdotes nas regiões afastadas dos principais centros econômicos, adquiriu características peculiares. Entre suas manifestações mais visíveis está o costume de ornamentar cruzes com adornos coloridos, prática ainda encontrada em diversas cidades mineiras, onde esses símbolos são instalados em residências, praças, altos de morros, margens de estradas e encruzilhadas.

A pesquisa fundamentou-se na metodologia da história oral, utilizada para investigar o costume, ainda preservado por parte do povo pietatiano[1], de ornamentar a cruz com papéis coloridos durante a celebração do Dia de Santa Cruz. A opção por essa abordagem justifica-se pela escassez de documentação escrita sobre essa prática na região, tornando os relatos orais uma importante fonte para a reconstrução de sua memória e de seus significados culturais. As entrevistas permitiram acessar

[1] Denominação do gentílico usado pelos próprios habitantes de Piedade de Caratinga.

experiências, lembranças e interpretações dos próprios participantes da tradição, valorizando sujeitos históricos que, conforme destacam os estudos da História Cultural, passaram a ocupar lugar de destaque nas investigações historiográficas. Nesse sentido, compartilha-se da perspectiva apresentada por Vainfas, para quem essa vertente constitui uma história "problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar" (VAINFAS, 2002, p. 17).

As entrevistas desenvolvidas para este artigo foram realizadas no período de um ano[2], contando com a participação de 21 moradores, de ambos os sexos e com idade superior a 65 anos, do município de Piedade de Caratinga, que mantêm esse costume.

Ao final serão propostas formas de se valorizar e manter vivo esse costume, criando ações que afirmem a identidade cultural da região envolvida.

2 TERRA DE SANTA CRUZ

Nessa pesquisa, serão focadas as celebrações religiosas que dizem respeito à tradição de enfeitar a cruz, em particular, numa cidade do interior mineiro, uma vez que a temática religiosa do Brasil colonial sugere uma gama de discussões, o que não é a intenção desse estudo. Para compreender essa tradição, torna-se necessária uma breve contextualização da relação entre Portugal e a religião católica, abordando, inicialmente, o processo de colonização do Brasil e, posteriormente, o período colonial mineiro, contexto em que essa prática religiosa foi consolidada.

Antes mesmo de colonizarem a América portuguesa, Portugal e a religião católica mantinham uma relação de cooperação favorável aos interesses de ambos. Enquanto o catolicismo foi fundamental para o processo de afirmação e fortalecimento do reino português, o Estado, por sua vez, garantiu a proteção e o apoio necessário para que a Igreja pudesse se expandir[3].

Um exemplo dessa cooperação é evidenciado na expansão marítima do Império, em especial, nas navegações que culminariam na invasão da América Portuguesa. Com o propósito de difundir a fé católica e sob o regime do padroado, os jesuítas vieram nas naus de Cabral e foram fundamentais na colonização brasileira, como bem observou FAUSTO:

> “(...) o papel da Igreja se tornava relevante. Como tinha em suas mãos a educação das pessoas, o ‘controle das almas’ na vida diária, era um instrumento muito eficaz para veicular a ideia geral de obediência e, em especial, a de obediência ao poder do Estado” (FAUSTO, 1996, p.35).

[2] Foram realizadas entrevistas com 21 moradores da cidade de Piedade de Caratinga, que exercem a tradição de enfeitar a cruz, no período de 10 de janeiro até 25 de junho de 2026.
[3] Ver: Relações entre a Igreja e o Estado em Portugal – Tempos e modos: Casamento, Divórcio e União de Facto, José Eduardo Franco. Editora LusoSofia, Lisboa, 2011.

Assim, Império e Igreja foram conquistando território e almas (RAMINELLI, 2010), colonizando e catequizando, e aos poucos a colônia vai se tornando católica, reforçando a religião oficial do reino português.

O catolicismo português, considerado tradicional, era repleto de simbologias e representações, entre elas, destaca-se a presença da cruz, constantemente encontrada em praças, igrejas, túmulos, ruas, entre outros, em Portugal, além de estar à frente nos processos de expansão, seja terrestre ou marítima.

Na colonização do Brasil, o caráter religioso esteve presente desde os primeiros momentos da ocupação portuguesa. Ao chegarem ao território que viria a ser denominado Brasil, os portugueses ergueram uma cruz e celebraram a primeira missa, simbolizando a estreita relação entre a expansão ultramarina portuguesa e a fé católica. Essa dimensão religiosa também pode ser observada nas denominações registradas por Pero Vaz de Caminha[4] em sua carta ao rei de Portugal, como "Ilha de Vera Cruz" e, posteriormente, "Terra de Santa Cruz", evidenciando a centralidade do simbolismo cristão na construção dos primeiros significados atribuídos à nova colônia. Esses registros constituem algumas das primeiras referências documentais à cruz em território brasileiro.

3 A RELIGIÃO CATÓLICA NAS MINAS GERAIS COLONIAL

No século XVIII, a sociedade colonial já estava habituada aos costumes introduzidos pelo catolicismo português. Do amanhecer ao entardecer, o cotidiano do brasileiro era repleto de objetos, orações, rezas, enfim, quase tudo remetia à vida e à morte de Cristo. (MOTT, 1997). Isso, graças à eficiência do trabalho desenvolvido pela Companhia de Jesus e, também, pelas ordens religiosas como os franciscanos, os carmelitas e os beneditinos, estes últimos responsáveis pela implantação das irmandades, confrarias e ordens terceiras que promoveram uma religiosidade embasada na participação ativa dos leigos na colônia, principalmente entre o povo mineiro.

No século XVIII, a descoberta do ouro promoveu um acelerado crescimento populacional na Capitania de Minas Gerais (FURTADO, 2009), provocando profundas transformações nas estruturas administrativa, econômica e social da América portuguesa. Neste estudo, interessa especialmente compreender as mudanças sociais decorrentes desse processo, em particular a diversidade de grupos que migraram para as Minas atraídos pela exploração aurífera. A convivência entre indígenas, africanos escravizados, portugueses e seus descendentes contribuiu significativamente para a formação de uma religiosidade marcada por múltiplas influências culturais, uma vez que cada um desses grupos trouxe consigo práticas, crenças e experiências próprias de relação com o sagrado.

[4] PRADO, J. F. de Almeida (estudo crítico); SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Pero Vaz de Caminha: carta do achamento do Brasil. 5.ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1998.

A diversidade étnica e cultural presente nas Minas dificultava o trabalho dos missionários na difusão do catolicismo conforme os preceitos estabelecidos pela Igreja Católica. Isso favoreceu para um catolicismo sincrético, com raízes fundadas em Portugal, como bem observou a historiadora Laura de Mello e Souza,

> O cristianismo vivido pelo povo caracterizava-se por um profundo desconhecimento dos dogmas, pela participação na liturgia sem a compreensão do sentido dos sacramentos e da própria missa. Afeito ao universo mágico, o homem distinguia mal o natural do sobrenatural, o visível do invisível, a parte do todo, a imagem da coisa figurada. Na maior parte das vezes, a organização catequética tridentina não conseguiria senão a aprendizagem por memorização de poucos rudimentos religiosos, dos quais nem sempre se entendia o significado pleno e que, passados alguns anos, eram esquecidos. Neste sentido, não discrepava do contexto europeu a religiosidade impregnada de paganismo do século XV português, a 'complexa fusão de crenças e de práticas, teoricamente batizada de cristianismo mas praticamente desviada dele' de que fala Oliveira Marques. Para este autor. Um 'cristianismo de fachada (...) emprestava nomes de santos e de festas católicas a forças da natureza e a consagrações pagãs' (SOUZA, 1986, p. 91).

A partir dessa relação entre o mestiço e a herança do catolicismo português, de certa forma, sincrético, a religiosidade difundiu-se em Minas Gerais com um caráter popular, onde o sagrado e o profano se misturavam nas manifestações religiosas católicas, como se constatava nas manifestações oriundas dos escravizados. Surge, então, o catolicismo popular, onde as características do povo se incorporam ao catolicismo tradicional, manifestando-se em práticas religiosas permeadas pelo sincretismo. A este respeito, Riolando Azzi, referência sobre o tema, afirma que o "Catolicismo Popular estava bastante próximo dos cultos africanos e ameríndio" (AZZI,1978, p.52) reafirmando seu caráter sincrético.

Vale ressaltar que um dos fatores favoráveis ao surgimento do catolicismo popular foi à ausência de padres em várias regiões da província, fazendo com que os leigos assumissem as celebrações e manifestações católicas. Ademais, os padres e religiosos que para as Minas vieram, não tinham como preocupação catequizar e levar a religião ao povo, seus interesses eram outros, como observa Sergio Buarque de Holanda: "(...) os ditos frades e do seu estado e só lembrados dos meios com que podem servir aos próprios interesses (...) usando indecorosamente da administração deles, mais para granjear interesses do que para a edificação de católicos (...)" (HOLANDA, 1977, p.277).

Desse modo, o catolicismo popular desenvolveu-se a partir das experiências cotidianas da sociedade colonial, manifestando-se por meio de símbolos, como a cruz, e de práticas religiosas, a exemplo das procissões. Embora muitas dessas manifestações tenham perdido força ao longo do tempo, ainda permanecem preservadas em algumas localidades mineiras, constituindo importantes testemunhos da religiosidade popular formada no período colonial. Nesse contexto, a escolha de Piedade de Caratinga justifica-se pela permanência de um costume de origem colonial (enfeitar a cruz

no Dia de Santa Cruz), prática que preserva elementos característicos do catolicismo popular e evidencia a continuidade de tradições religiosas transmitidas entre gerações.

4 TRADIÇÃO DE ORNAMENTAR A CRUZ EM PIEDADE DE CARATINGA

O município de Piedade de Caratinga é situado ao sul da cidade de Caratinga. Apresenta uma área territorial de 109,22 km² e sua população estima-se em aproximadamente 8.966 habitantes., dentre os quais 66% residem no perímetro urbano. A economia do município baseia-se, em sua maioria, no cultivo de café e de hortifrutigranjeiros. Seu principal acesso faz-se pela rodovia BR-474, às margens da BR-116[5].

Aproximadamente 73% da população do povoado de Piedade, assim conhecido entre as cidades vizinhas, professam a religião católica[6]. Assim, as atividades da vida familiar e social, dessa maioria católica, giram em torno da fé, expressando-se e reafirmando-se através da prática litúrgica tradicional e, também, pelas manifestações religiosas de cunho popular. Como herança do período colonial mineiro, o catolicismo popular é encontrado na religiosidade do povo "pietatiano" e se expressa com procissões, reza do terço, festas de santos, semana santa, entre outros e tem um forte apelo a objetos, como imagens de santos, oratórios, escapulários, terços e cruzes, elencando os mais comuns.

Dentre os símbolos católicos, a cruz exerce destaque no cotidiano do povo pietatiano, em especial os que residem na zona rural. É corriqueiro encontrar cruzes ao longo do caminho, nas ruas, nas praças, nas encruzilhadas, altos de morros, nos lugares de culto, em adornos pessoais e nos umbrais das casas.

Uma das particularidades da religiosidade popular da região consiste no costume de afixar uma cruz, adornada com papéis coloridos, na parede frontal das residências ou junto às portas e janelas. Essa tradição, herdada do período colonial brasileiro, vem perdendo espaço nas últimas décadas, fato que evidencia a importância de seu estudo e de sua preservação como manifestação do patrimônio cultural imaterial. Nesse contexto, esta pesquisa busca compreender a origem desse costume no município de Piedade de Caratinga, os processos históricos que possibilitaram sua permanência, os significados atribuídos à presença da cruz no umbral das casas e os fatores que têm contribuído para o seu progressivo desaparecimento, bem como refletir sobre estratégias voltadas à sua valorização e preservação.

[5] IBGE, www.ibge.gov.br Acessado em 1 de julho de 2026.
[6] Estimativa gerada a partir dos dados do censo demográfico de 2022, do IBGE.

Não se sabe, com exatidão, quando teve início o costume de ornamentar a cruz na região. Com base nos relatos orais e na história da ocupação local, acredita-se que essa tradição tenha sido introduzida pelos primeiros moradores que se estabeleceram no atual município de Piedade de Caratinga, no final do século XIX.

A devoção à cruz vem do período colonial brasileiro e permeia o imaginário social do católico desde então, sendo representada em diversos ritos e práticas que se firmariam no cotidiano do católico brasileiro. Essa devoção adquiriu características próprias do catolicismo popular e permanece viva até os dias atuais, como demonstram as manifestações religiosas dos moradores de Piedade de Caratinga. No dia 3 de maio, data em que tradicionalmente se celebra a Invenção da Santa Cruz, é comum observar, na entrada das residências, cruzes ornamentadas com papéis coloridos, prática que preserva uma tradição de origem colonial transmitida entre gerações.

A confecção da cruz tem início na véspera, no dia 02 de maio. Geralmente, os devotos enfeitam suas cruzes pessoais e depois saem em grupo para enfeitar as cruzes que ficam nas estradas e nos lugares de culto denominados de cruzeiro. Segundo a tradição, as cruzes devem estar enfeitadas e penduradas no umbral das casas à meia-noite, momento em que Nossa Senhora vem beijar cada uma das cruzes, como destaca Maria das Graças Nogueira[7],

> Vamo enfeitar a cruz até meia-noite, porque Nossa Senhora vem visitar a cruz. Quando ela chegar ela vai encontrar ela já enfeitada. A gente enfeitava no dia 02 ou dia primeiro, pra chegar no dia e ela visitar e beijar. Não pode ser depois. Se não fizer num tá cumprindo o papel[8].

Para a maioria dos entrevistados, o beijo de Nossa Senhora na cruz protege o interior da casa e afasta o mal. Assim, a cruz pendurada do lado de fora das residências serve como uma barreira imaginária que separava o bem e o mal, aqui representados, respectivamente, por Jesus e o coisa ruim

A ornamentação das cruzes no povoado não se limita àquelas afixadas nas residências dos devotos. As cruzes localizadas às margens das estradas e nos cruzeiros também recebem enfeites coloridos durante a celebração da Invenção da Santa Cruz. Nas rodovias mineiras, sobretudo nas estradas da zona rural, é comum encontrar cruzes erguidas nos locais onde ocorreram mortes, transformando esses espaços em marcos de memória e religiosidade popular. Para os devotos, o gesto de ornamentá-las representa uma forma de manter viva a lembrança dos falecidos e de reafirmar os

[7] Os trechos das entrevistas apresentados neste artigo foram transcritos de maneira fiel às falas dos entrevistados, preservando suas características linguísticas e expressões próprias da oralidade. Por essa razão, não foram realizadas correções ortográficas, gramaticais ou sintáticas, uma vez que a forma de narrar constitui parte integrante do testemunho e representa importante elemento para a compreensão da memória, da identidade e das práticas culturais da comunidade investigada.
[8] Maria das Graças Nogueira, 67 anos, entrevistada no dia 1 de março de 2025.
[9] Alguns entrevistados referiam ao diabo como “coisa ruim”.

vínculos afetivos e espirituais com seus antepassados. Como sintetiza Maria das Graças Nogueira, "enfeitar as cruzes nos caminhos faz lembrar dos antepassados".

A ornamentação dos cruzeiros, por sua vez, constitui uma prática coletiva que mobiliza os devotos de Piedade de Caratinga em torno de uma celebração específica. Após ornamentarem as cruzes de suas residências e aquelas localizadas às margens das estradas, os participantes reúnem-se, na tarde do dia 2 de maio, para adornar o cruzeiro situado no ponto mais elevado da cidade. Os depoimentos das entrevistadas Maria do Carmo Araújo[10], Calmerita Maria[11] e Maria das Graças Nogueira evidenciam o cuidado e o significado atribuídos a esse ritual. Segundo elas, respectivamente, "enfeitava o cruzeiro com tanto capricho", "na roça a gente andava longe pra enfeitar as cruz e os cruzeiros" e "o coração alegra quando vê o cruzeiro enfeitado, ainda mais quando é bem enfeitadinho".

No dia 3 de maio, geralmente por volta das 15 horas, os devotos retornam ao cruzeiro portando terços, velas e garrafas com água. Reunidos ao redor da cruz, acendem velas e rezam o rosário. Ao término da celebração, entoam cânticos dedicados à Nossa Senhora e a Jesus Cristo e, em seguida, despejam a água aos pés da cruz, em um gesto de súplica para que não falte chuva na região.

Essas celebrações e práticas religiosas manifestam-se sem a presença de padres, o que, sem dúvida, favorece para uma religiosidade embasada no catolicismo popular. Na região de Piedade de Caratinga, em especial nas zonas rurais adjacentes, os padres não participam ativamente da vida do cristão, isso devido à quantidade de sacerdotes não corresponder à quantidade de comunidades rurais. O fato de os padres irem, somente, em dias santos e festivos fez com que as práticas religiosas se desenvolvessem popularmente e sem a intercessão clerical. A devoção acontece numa espécie de ligação direta entre o fiel e a cruz.

Outro ponto a destacar nessa devoção é que a cruz nas fachadas das casas significa que, naquela residência, mora um cristão católico, como notamos nas falas de Maria Madalena de Oliveira[12] "coloca a cruz do lado de fora pra quando o povo chegar, já vê lá e falar que mora um católico" e de Maria das Graças Nogueira "é bão os outro vê que aqui mora um católico. Bate o olho na cruz e vê." Percebe-se, aqui, um gesto praticado no Brasil colonial, onde os judeus colocavam em suas casas uma cruz, indicando que residia um católico[13].

[10] Maria do Carmo Araújo, 68 anos, entrevistada no dia 26 de fevereiro de 2025.
[11] Carmelita Maria, 72 anos, entrevista no dia 10 de março de 2025.
[12] Maria Madalena de Oliveira, 71 anos, entrevistada no dia 05 de março de 2025.
[13] Durante o período colonial, muitos cristãos-novos (denominação atribuída aos descendentes de judeus convertidos ao catolicismo, em grande parte de forma compulsória) procuravam demonstrar publicamente sua adesão à fé cristã por meio da observância de práticas e símbolos do catolicismo, entre eles a afixação de cruzes nas residências. Tais manifestações tinham como finalidade afastar suspeitas de criptojudaísmo e evitar denúncias ao Tribunal do Santo Ofício. Embora essa prática seja historicamente documentada, não há evidências de que ela tenha relação direta com a tradição de ornamentar as cruzes em Piedade de Caratinga, sendo mencionada aqui apenas como um exemplo do significado simbólico atribuído à cruz no contexto colonial. Ver: NOVINSKY, Anita Waingort. Ser marrano em Minas Colonial. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 161-176, 2001.

As entrevistas revelam que o costume foi transmitido entre gerações no âmbito familiar, por meio da tradição oral, como bem colocou Maria das Graças Nogueira:

> Mamãe disse que aprendeu com sua tia que todo dia 3 de maio enfeita a cruz. Aprendi com mamãe que contava pra nóis que tinha de enfeitar todo ano. Tinha que renovar, sabe? A gente escutava tudo calada, depois rezava. Nóis tudo que aprendeu vamo passando pra frente, pra não acabar com que aprendi há muito tempo. Se não fizesse não tava cumprindo o papel, tinha que fazer porque os pais fazia.

A esse propósito, a coleta de depoimentos de pessoas comuns, que recorrem à memória e à oralidade para transmitir conhecimentos, costumes e tradições, permite contextualizar e compreender como uma sociedade constrói e atribui sentido ao seu passado. Nesse sentido, Cruikshank (1994, p. 156) afirma que "(...) fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa".

5 A TRADIÇÃO DE ENFEITAR A CRUZ DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE

As transformações socioculturais da contemporaneidade têm contribuído para o enfraquecimento de diversas práticas tradicionais. A aceleração do ritmo da vida, as constantes inovações tecnológicas e as mudanças nos modos de sociabilidade favorecem a valorização do presente em detrimento da memória coletiva, dificultando a transmissão de costumes e tradições entre as gerações. Nesse cenário, manifestações da religiosidade popular, como a tradição de ornamentar a cruz, enfrentam desafios para sua continuidade, tornando-se cada vez mais dependentes do empenho das comunidades locais na preservação de seu patrimônio cultural.

Diante disso, observa-se que o costume de ornamentar a cruz no município de Piedade de Caratinga vem diminuindo, sobretudo a partir da década de 1990, período que coincide com a emancipação político-administrativa do município, em 1995[14], e com a intensificação das transformações socioculturais locais. Ao longo desse processo, parte da população passou a incorporar novos hábitos e modos de vida, acompanhando as mudanças características da contemporaneidade. Essas transformações podem ser percebidas em diferentes aspectos do cotidiano, como nas formas de vestir, no vocabulário, na arquitetura das residências e nas próprias práticas religiosas.

Contudo, essas mudanças do cotidiano alteram a concepção de passado e de tradição entre as gerações. As pessoas que nasceram pouco antes ou depois da elevação do povoado em cidade, tendem

[14] A cidade de Piedade de Caratinga foi emancipada pela Lei nº 12.030 de 21/12/1995.

a substituir padrões culturais antigos e incrementar novos. Como consequência, a prática de ornamentar a cruz passou a ser mantida, predominantemente, pelas pessoas acima de 60 anos.

Os jovens não se veem inseridos nesse costume porque "crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado" (HOBSBAWM, 1994, p.13) e sem o sentimento de pertencimento que é primordial para a permanência dos costumes e tradições de um povo.

Atreladas a isso, as inovações tecnológicas ganham espaço no cotidiano contemporâneo, ocupando tempo e mente da população. Para esses novos agentes produtores de cultura e incentivados pelo consumo, o que interessa é o que está palpável, visível e o que estar por vir. O que passou não tem valor de culto, nem mesmo de apreciação. A globalização rege os padrões culturais atuais, confunde e impede a sociedade de entender questões que caracterizam nossa cultura, como bem observou Milton Santos:

> Neste mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado de coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos (SANTOS, 2010.p.46).

Sobre a não participação dos jovens nas manifestações culturais tradicionais, em particular, no costume de enfeitar a cruz, a entrevistada Maria das Graças Nogueira, relatou com indignação que:

> O pessoal tá desacreditado, tá largando tudo por causa da internet. Ninguém liga pra cuidar das tradição. Tem muita coisa pra entreter a vida, não sobra tempo pra nada do passado. O que é triste. Os jovem fica entusiasmado com internet, lan house, esses trem, celular.

Corroborando com o relato de Maria das Graças, a entrevistada Maria Madalena de Oliveira, disse: "a geração nova não interessa (enfeitar a cruz).[15] Os jovem não quer nada, só curtir a vida com os apetrecho do mundo. Pra eles não tem validade enfeitar. Acha que já passou, não tem valor."

Além do esquecimento do costume advindo de questões referentes à globalização, temos o problema da morte. Quando uma pessoa que enfeita a cruz morre, dificilmente um parente mais jovem dá continuidade, como alertou a entrevistada Calmerita Maria de Magalhães, "os mais novos não acha que isso faz parte da religião, da tradição. O povo que enfeita tá morrendo e ninguém tá querendo aprender enfeitar.

Percebe-se que o esquecimento das manifestações culturais e dos costumes herdados precisa, urgentemente, de uma solução para que as tradições não caiam, de fato, no esquecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[15] Nota do autor.

A herança do catolicismo colonial no município de Piedade de Caratinga é perceptível, como se constatou no costume de enfeitar a cruz na véspera do dia 03 de maio. A tradição permeia o cotidiano de alguns católicos pietatianos, alguns dos quais contribuíram para essa pesquisa e que temem seu esquecimento.

Para que isso não ocorra, devem ser propostas algumas soluções para que o costume se fortaleça. A primeira delas deve ser um trabalho realizado com a população mais jovem com o intuito de fazer florescer um sentimento de pertencimento. A partir do momento em que o cidadão se sentir parte da tradição herdada pelos seus antepassados ele não deixará o costume desaparecer.

Esse trabalho pode ser desenvolvido com parcerias entre as Secretarias Municipais de Educação e Cultura, promovendo cartilhas e palestras sobre a importância em se preservar as tradições locais que fazem parte do patrimônio imaterial da cidade.

Outra proposta são as oficinas de “saberes”, nas quais a população, tida como mais velha e que mantém o costume de enfeitar a cruz, possa compartilhar e ensinar os saberes que aprenderam dos seus antepassados aos mais jovens, mostrando que é possível a convivência do novo com o antigo, como também, a conservação de um bem imaterial, sem a necessidade de o mesmo ser esquecido.

Diante das intervenções propostas, vislumbra-se a possibilidade de preservar um costume repleto de valores atribuídos pela sociedade que o rodeia, fazendo-o coexistir entre passado e presente, fator que contribui na formação da identidade de um povo.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular.** 14ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil: aspectos da história**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marielta de Morais (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1996.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil: edição comemorativa, 50 anos**. Apresentação de Rosa Freire d'Aguiar Furtado; introdução de Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos. O breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, Metais e pedras preciosas. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira**, volume 2. 4ª edição. Rio de Janeiro – São Paulo, DIFELI, 1977.

IBGE, www.ibge.gov.br

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa.** SOUZA, Laura de Mello e, NOVAIS, Fernando A. orgs. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 164-167.

NOVINSKY, Anita Waingort. **Ser marrano em Minas Colonial**. IN: Revista Brasileira de História, São Paulo: ANDUH/Humanitas publicações, vol.21, nº 40, 2001. p. 161-176.

PRADO, J. F. de Almeida (estudo crítico); SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Pero Vaz de Caminha: carta do achamento do Brasil**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Agir, 1998.

RAMINELLI, Ronald. **Império da fé: Ensaio sobre os portugueses no Congo, Brasil e Japão**; in: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (ORG). O antigo regime dos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI – XVIII). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal.** Record. Rio de Janeiro, 2000. 19 ed.

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a terra de santa cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Vainfas, Ronaldo. **Os protagonistas anónimos da história**. São Paulo, SP: Campus, 2002.